

# A QUESTÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR

NATHALIA COSTA LEAL\*

SIRLEI IVO LEITO ZOCCAL\*\*

MARLY SABA\*\*\*

CLAUDIA RENATA DOS SANTOS BARROS\*\*\*\*

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo principal identificar as situações de gênero no contexto escolar, enfatizando principalmente a atuação do pedagogo diante desta problemática, bem como o papel exercido pela família, e suas contribuições. Este não teve como interesse informar ou “rotular” o que é certo ou errado, e sim apresentar os pontos de vista de todas as partes envolvidas no contexto escolar. Assim, por meio de revisão bibliográfica, analisando o ponto de vista de diversos autores, foram abordados conceitos e práticas necessárias para possibilitar o professor e a equipe gestora abordar este tema tão presente dentro de uma escola, da forma mais natural possível, sempre identificando em documentos oficiais a obrigatoriedade dessas ações pedagógicas. Também foram abordadas as possíveis causas de preconceitos dentro da sala de aula. Ciente de que a criança não nasce “homem” ou “mulher”, ou seja, a construção do gênero é fundamentalmente sociocultural. Após análise de materiais, pudemos observar que há questões relevantes relacionadas ao gênero que precisam ser trabalhadas para redução de episódios de preconceito e discriminação dentro do ambiente escolar, para a melhoria da educação com foco na inclusão social.

## PALAVRAS-CHAVE

Gênero no contexto escolar; Questão de gênero na escola; Preconceito e Desigualdade de gênero.

\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Santos em 2016. O artigo é fruto do trabalho de conclusão de curso.

\*\* Graduada em Licenciatura para magistério pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho UNESP, em 2003, e mestre em Educação pela Universidade Católica de Santos (2011).

\*\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Santos (1994) e mestre em Educação pela Universidade Católica de Santos (2004).

\*\*\*\* Graduada em Educação Física pela Universidade Bandeirante de São Paulo (1997) e doutora (2012) em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UNISANTOS.

## INTRODUÇÃO

A educação possui cada vez mais um papel importante na sociedade, sendo responsável por transformações sociais, inclusive em relação à diversidade de nossa sociedade capitalista e excludente. Historicamente, conceitos sociais perpassam por constantes modificações no âmbito escolar, entre elas a questão de gênero.

Gênero como identificação ou diferenciação de representações sociais entre homens e mulheres, ou seja, gênero masculino e feminino (SCOTT, 1995). Dentre os dois aspectos que influenciam o significado da palavra, estão o biológico e o social, na qual se diferenciam, cada um diante de suas perspectivas de representação social. Segundo Lins, Machado e Escoura (2016), o termo começou a ser utilizado na década de 1970, pela necessidade de argumentos para as noções do feminino e do masculino, se inserindo em relações sociais de poder. Entretanto, que o termo só se popularizou na década de 1990.

Gênero nos remete a outros conceitos construídos como a sexualidade e o sexo, na qual no presente trabalho será explicado suas definições, e se realmente há ligações entre essas três definições.

O conceito de sexo refere-se tanto aos órgãos reprodutores, como a suas características biológicas e cromossômicas. São questões biologicamente construídas. Para Canella (2006, p.84), a diferenciação dos sexos se inicia biologicamente, e a partir daí a sociedade, o registro civil, as famílias moldam de acordo com seu reconhecimento sexual.

Já o conceito de gênero é definido a partir de questões sociais nas quais compreende a diferenciação social entre as pessoas, sendo a possível construção e desconstrução, pois, é a partir de padrões históricos e culturais que definimos comportamento de mulheres e de homens (MUSSKOPF, 2008).

Por fim, a sexualidade é um termo usado para nos referirmos a sentimentos afetivos e sexuais. É o que sentimos perante as pessoas que nos relacionamos, seja ela homem ou mulher. Conforme confirma Musskopf (2008), sexualidade refere-se às práticas sexuais, bem como pelo ao desejo e a atração sexual, sendo denominado de "orientação sexual".

Como podemos ver, ocorre uma diferenciação nas definições dos tais conceitos, mas mesmo assim, elas acabam se entrecruzando quando nos referimos a construção de nossa identidade, desejos e autoconfiança. É necessária a reflexão de todos esses conceitos para impedir o preconceito e a estigmatização relativas às ideologias de gênero (MUSSKOPF, 2008).

O termo gênero surgiu por meio movimentos sociais organizados pelos grupos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), para a luta por seus direitos. Esses grupos lidam com a repressão social e violação de seus direitos, inclusive no âmbito educacional (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016). Acrescidos aos grupos LGBT, importante destacar a discussão de gênero nos movimentos feministas que compreendeu a conquista aos direitos políticos e educacionais das mulheres (SCOTT, 1995).

Ao citar direitos educacionais, no PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) é afirmado que deve ser levada as discussões de gênero para dentro do âmbito escolar desde 1997 (BRASIL, 1997, p. 321-322). A escola tem um papel muito importante de influência pessoal, tanto nos pais e alunos quanto na própria sociedade, assim o objetivo deste estudo foi apresentar uma revisão narrativa sobre a temática gênero no âmbito escolar.

## MÉTODOS

O estudo foi realizado por meio de revisão bibliográfica, com base em livros, artigos científicos, dissertação e teses, análise documental ou leis, decretos, pareceres, jornais e periódicos, todos em português. A base de dados foi a *Scielo*, utilizando os seguintes termos: “Questão de gênero no contexto escolar”, “Gênero e preconceito dentro da escola”, “Construção da identidade de gênero”, “Abordagem do professor perante a questão de gênero”, “A importância da família na questão de gênero no âmbito escolar”.

Ao efetuar a pesquisa foi possível analisar a defasagem de artigos científicos brasileiros que abordaram esta temática. Foram localizados 44 textos, sendo 5 livros e 39 artigos (Tabela 1, 2 e 3). Importante destacar que alguns desses textos foram citados e outros utilizados para consulta e aprofundamento teórico sobre a temática. Os textos foram analisados de acordo com as temáticas: Gênero no âmbito escolar; Formação docente; Práticas docente perante a questão de gênero; Brinquedos e Brincadeiras.

O referido estudo compreendeu o Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia em 2016.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Gênero no âmbito escolar

Uma das primeiras coisas que os pais querem saber de seus filhos durante a gestação é o sexo. A partir do conhecimento do sexo do bebê se define, as roupas, a cor do seu quarto, a cor do chá de bebê, enfim, tudo que está relacionado a construção social do sexo da criança. Dentro da escola isso não é diferente, os materiais escolares são caracterizados com desenhos e marcadores considerados “de meninas” e “de meninos”.

Neste sentido, percebe-se que desde muito cedo vivemos em uma sociedade escolar dividida entre o “ser mulher” e o “ser homem” e podemos analisar algumas ações que muitas vezes acabam passando despercebidas por ser algo natural, mas que na realidade reforça as questões de gênero, como por exemplo, as filas, que as meninas ficam em um lado e os meninos do outro; e as aulas de educação física, onde muitas vezes as meninas vão pular corda e os meninos jogar futebol (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016).

Os professores quando esperam meninas para sua sala as idealizam como meigas e frágeis, já no caso dos meninos, os bagunceiros e briguentos, essas características são generalizadas e aplicadas aos alunos desde a educação infantil (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016).

No que diz respeito ao ensino-aprendizagem dos alunos, segundo Viana (2004), suas pesquisas apontaram que na questão do desempenho escolar até o ensino fundamental as meninas apresentam melhor desempenho, já que há maior índice de defasagem escolar entre os meninos (14,7%), enquanto entre as meninas observou-se 13%. Em relação a repetência, este perfil se mantém com maior destaque para os meninos entre todas as faixas etárias.

Em continuação a análise das “diferenças” entre os gêneros no que diz respeito ao ensino aprendizagem e comportamental, foi analisado um estudo etnográfico feito por Ileana Wenzel (2012), no qual foi observado diferentes comportamentos corporais entre meninos e meninas no pátio escolar de uma escola pública de primeira à quarta série. Também foram mapeadas as brincadeiras e negociações de gênero com o objetivo de entender como são produzidos e reproduzidos os modos diferenciados de ser menino e menina.

Neste mesmo estudo (WENETZ, 2012), a autora observou que durante o recreio escolar, por ser um ambiente em que os alunos estão “livres” sem a obrigatoriedade de fazer certas atividades, os alunos tendem a desenvolver e demonstrar com maior facilidade seus desejos e vontades perante suas atitudes, brincadeiras e seus grupos de conversa.

Após análise do estudo de Wenez (2013), verificamos que há determinados comportamentos construídos para mulheres e para homens, produzidas como algo natural, pois suas interações sociais como dança, esporte e outras atividades fazem com que expressem suas próprias vontades. Entretanto, algumas vezes as dificuldades e medos de lidar com o próprio corpo pode entrar em evidencia, e assim trazer um certo receio.

O papel de cada um deles é muitas vezes imposto perante os próprios alunos, na qual, muitas vezes a menina não pode jogar futebol com os meninos, por exemplo, e acaba aceitando representar seu papel social. Quando observa-se atitudes e comportamentos diferentes do esperado por padrões sociais, pode sofrer algum tipo de estranhamento dentro de seu grupo de colegas e ser classificada como desviante (WENETZ, 2013).

Posto isso, com a análise de que a aparência e atitudes dos alunos não estão acabadas, elas se modificam, e é na escola que essas múltiplas identidades aparecem e entram em evidencia, pois é um lugar em que há muitas disputas, rejeições e a imposição de atitudes que já são praticadas pelos alunos mais antigos (Wenez 2012). Portanto é necessário que haja uma maior atenção da gestão escolar e dos professores

Historicamente houve avanços e transformações nas relações sociais entre o homem e a mulher, mas ainda é observada uma assimetria, no qual, influencia diretamente o ambiente escolar. O espaço para construção dos saberes da criança e possíveis identidades, tem-se de se preocupar com todos que ali permeiam, tanto os alunos que permanecem na escola, como os pais que são agentes fundamentais para o ensino-aprendizagem dos alunos. As preocupações são diárias e importantes, pois como Louro (1997) afirma:

“as escolas fabricam sujeitos e produz identidades de gênero de classe e sempre estão produzidas através de relações de desigualdades, no qual não podemos deixar que isso ocorra, esta aí uma das maiores e importantes missões da escola que é a interferência na continuidade das desigualdades dentro e fora do âmbito escolar”.

Para finalizar, podemos perceber que a questão de gênero e sexualidade pode ser também, observada dentro do recreio escolar através de brincadeiras e da constituição dos próprios grupos. Vale salientar, que meninos e meninas se diferenciam tanto no aspecto do ensino-aprendizagem quanto no aspecto interativo, e não podemos “moldá-los”, ou seja, importante aceita-los e respeitá-los.

## **Formação docente**

Ao discutir as questões de gênero, importante questionar a formação docente, pois é na formação do docente que podemos perceber a aprendizagem ou não de temas tão importantes que os profissionais terão que enfrentar diariamente nas escolas. Podemos perceber que é uma temática pouco discutida, e para Drumond (2010) isso é evidente principalmente na educação infantil.

Conforme a Resolução CEB nº 02/99 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Docentes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio, na modalidade Normal, em seu Artigo 5º, Inciso 2º postula que:

“os conteúdos curriculares destinados à educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental serão tratados em níveis de abrangência e complexidade necessários à (re) significação de conhecimentos e valores, nas situações em que são (des)construídos/ (re)construídos por crianças, jovens e adultos”. (BRASIL, 1999)

De acordo com as necessidades em abordar esse tema dentro do âmbito escolar, criou-se em 2006, o Programa “Gênero e Diversidade na Escola”, destinada aos professores de escola pública, com o objetivo de orientá-los sobre as diversidades dentro da sala de aula, bem como intervir em atitudes discriminatórias. Finco (2013) afirma:

*“O programa “Gênero e Diversidade na Escola” (GDE) teve como proposta apresentar aos educadores/as da rede pública do Ensino Fundamental no Brasil uma noção de respeito e valorização da diversidade e foi oferecido inicialmente para 1.200 professores/as da rede pública do Ensino Fundamental. A intenção foi de problematizar com os professores a questão dos comportamentos preconceituosos não só de gênero, mas também de raça e orientação sexual, buscando trabalhar uma visão ampla de direitos humanos. A escolha dos temas específicos a serem trabalhados – gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais –, bem como a decisão de seu tratamento conjunto, parte do entendimento de que os fenômenos se relacionam de maneira complexa, e é necessária a formação de profissionais de educação preparados/as para lidar com essa complexidade e com novas formas de confronto”. (p.4)*

Esse material citado visa auxiliar no entendimento das demandas relativas à diversidade, como a sexualidade, por exemplo, por ser um tema tratado como tabu para maioria dos professores e professoras.

Entretanto, segundo Drumond (2010 p. 6)

*“As discussões sobre infância e gênero praticamente não são contempladas na formação da professora de educação infantil e, quando estes conceitos são discutidos, não são tratados de forma articulada. Um primeiro mapeamento dos cursos de pedagogia mostrou que gênero não se constitui em uma categoria de análise nas disciplinas que compõem os currículos dos cursos de pedagogia, e que não são estabelecidos diálogos e interseções entre infância, gênero e sexualidade. As disciplinas que discutem gênero e sexualidade tomam por foco a educação sexual das crianças e não consideram as relações de poder entre meninas e meninos e entre crianças e adultos”.*

Posto isso, Finco (2013), se posiciona relatando que:

*“[...] o que percebemos, ao analisar as pesquisas sobre a formação acadêmica ou sobre a formação de educadores/as em exercício, é que esta não tem respeitado a diversidade, tampouco contemplado o debate sobre a temática de gênero, principalmente no âmbito da Educação Infantil”.*

Ainda sobre a temática, Roieke (2011), também deixa claro sua opinião:

*“A lacuna maior refere-se a abordagem dos conceitos de forma científica através de textos ou materiais relacionados, neste contexto as várias disciplinas específicas do curso, não apresentam nas suas ementas nenhuma alusão a temática, o que acaba resultando na invisibilidade destes conteúdos durante a formação destes profissionais”*

Após essa breve análise das pesquisas sobre formação docente ou sobre a formação de educadores em exercício, observou-se uma limitação no que diz respeito a diversidade, bem

como para contemplar o debate dos temas dentro do âmbito escolar. Contudo, é necessário a problematização do papel da educação de meninos e meninas e o questionamento sobre os processos de construção ao longo do curso de Pedagogia. Também percebemos que, em alguns casos, a questão de gênero era discutida em cursos de pós-graduação ou em disciplinas optativas, o seja, era dependente do esforço isolado de cada professor comprometido com essa questão, para conseguir se aprofundar.

## **Práticas docente perante a questão de gênero**

Sabemos que há dificuldades para se trabalhar certos temas dentro da escola, como o gênero, pois pode ocasionar opiniões divergentes e até mesmo o risco de exposição de algum aluno. Mas na falta desses diálogos alguns problemas também podem aparecer como a indisciplina e a exclusão escolar, portanto, é de suma importância saber que o papel do professor perante a questão de gênero é altamente insubstituível, pois é ele que consegue subsidiar a construção de pensamentos e relações entre os alunos. Segundo Esplendor (2009), é importante o olhar social e crítico desses profissionais no que diz respeito às questões de gênero.

Ainda Esplendor (2009) ressalta a importância da posição dos educadores (as) sobre a temática, pois os modelos de homem e mulher que as crianças têm à sua volta são decisivos na construção de suas referências de gênero. O que nos faz pensar o quão importante e influente são os professores nas vidas e atitudes dos alunos.

As atitudes e condutas perante os alunos devem ser orientadas em respeito a diversidade (VINHOLES, 2012), pois essas condutas são importantes para que não seja enfatizada a desigualdade de gênero, e para que seja visível que os professores estão abertos a dúvidas e questionamentos sobre a questão. Segundo Louro (1997), devemos na escola, observar o comportamento de meninos e meninas, e quando o comportamento parece diferente, devemos nos “preocupar” com possíveis atitudes discriminatórias.

A escolha do livro didático, por exemplo, para Esplendor (2009 pa.41), os professores devem estar atentos, pois podem estar orientando sobre questões de gênero de forma indireta. E reforça, que nessa escolha há a necessidade de observar as imagens, se são apenas femininas ou masculinas, para não reforçar apenas um gênero para as crianças.

Há também a preocupação quanto ao mapeamento das carteiras em sala de aula, tendo que misturar os meninos e as meninas. Ainda, considera-se relevante o policiamento por parte dos professores ao chamar a atenção das meninas em relação à maneira de se sentarem, de falarem e de se portarem (Vinholes 2012 p.2).

Posto isso, é necessário que os profissionais fiquem atentos tanto em suas posturas como a dos alunos, para identificar algum caso de comportamento machista, de assédio ou agressividade dentro da sala de aula, para que possa tomar atitudes cabíveis o mais rápido possível.

Mas essa preocupação não deve ser apenas do professor, toda a equipe escolar juntamente com os educadores tem um grande papel que Esplendor (2009) chama de “não perpetuação da hierarquia de gênero”. Em um estudo realizado pela mesma autora, foi observado que muitas vezes os profissionais se encontravam com problemas relacionados à temática de gênero dentro da sala de aula, sem nunca terem ouvido falar sobre tais questões. Portanto, há uma grande importância que a equipe gestora converse, leve especialistas para discussão junto aos professores e façam rodas de conversas para que os professores consigam tirar suas dúvidas para que não haja nenhuma situação de constrangimento de ambas as partes dentro da sala de aula.

O acompanhamento dos profissionais pela equipe gestora, o esclarecimento de temas a serem trabalhados conforme o Projeto Político Pedagógico da escola são ações que devem estar cotidianamente nas relações entre os profissionais de educação. Nesse caso, os professores se sentirão mais tranquilos e preparados para quaisquer perguntas que venham a ter (VINHOLES, 2012, p.9).

Mas apenas o diálogo dentro da sala de aula, para Pupo (2012) não é o suficiente, tem de haver os debates e indagações, nas quais as crianças questionem e tirem suas dúvidas e angústias, diante dos temas considerados tabus para serem tratados dentro da escola.

Os alunos, por menores que sejam já trazem uma bagagem de cultura, de conceitos, valores e opiniões, portanto, é válido que haja uma preocupação, uma percepção, o entendimento, e um trabalho diferenciado diante de cada aluno, quando diz respeito a assuntos que estão tão vigentes diariamente (VINHOLES, 2012, p. 01).

## Brinquedos e Brincadeiras

Ao estimularmos as crianças a brincar com vários tipos de brinquedos, proporcionamos a chance de desenvolver habilidades que vão ser importantes para o futuro, até mesmo para a escolha profissional. Se uma menina se diverte melhor com os blocos, podemos acreditar que tem muita chance de um melhor desempenho da área da engenharia, e se um menino se divertir mais com as bonecas, podemos acreditar que futuramente terá facilidade com o relacionamento com as pessoas ou até no entendimento das mulheres.

Os meninos não vão tomar o lugar das meninas, e nem vice e versa e sim compartilhar os dois universos. Nossa sociedade teve muitos avanços, então por que não avançarmos no entendimento de que não existe gênero quando se tratamos de brinquedos e brincadeiras?

*“[...] buscando questionar o fato “natural” de que meninos e meninas possuem papéis e comportamentos pré-determinados. Apresenta uma reflexão sobre a troca de papéis sexuais nas brincadeiras, fazendo uma discussão sobre os brinquedos considerados “certos” e “errados” para cada sexo. A análise se opõe às pesquisas que consideram que meninos e meninas demonstram comportamentos, preferências, competências, atributos de personalidade mais apropriados para o seu sexo, seguindo, desde bem pequenos, as normas e padrões estabelecidos”. (FINCO, 2013, p.01)*

O educador deve estar bem atento na aplicação de algumas brincadeiras para não reforçar a desigualdade de gênero. Estando atento também para não punir e nem intervir quando alguma criança não estiver brincando com algum brinquedo que “não seja do seu gênero, socialmente aceito” (ESPLENDOR, 2009, p.6).

FINCO (2013 p. 10) também contrapõe afirmando:

*“A forma como a professora organiza sua prática, deixando disponível e dando acesso a uma diversidade de brinquedos para as crianças experimentarem e conhecerem diferentes papéis, sem determinar posições e comportamentos para meninos e meninas, favorece que não sejam determinados papéis específicos em função de seu sexo”.*

A questão é que isso tudo vai muito além de uma simples brincadeira: envolve a sexualidade da criança. E os pais e educadores devem saber como lidar com essas situações para não prejudicar a formação das crianças. Os pais devem se policiar para não determinar as “coisas de meninos e coisas de menina”

As crianças são orientadas pelos pais, mas é essencial que tenham livre arbítrio para fazer suas escolhas. Essa diferença na criação de meninos e meninas só cria uma expectativa quanto ao papel que devem assumir e impede que se desenvolvam normalmente (FINCO, 2013, p.6).

Importante lembrar que meninos e meninas têm algumas diferenças, mas têm inúmeras semelhanças. Há muitos tabus em torno disso que precisam ser quebrados. Um deles, é que “menino não deve chorar”. Acredita-se que há esse receio pelo fato da falta de informação dos pais perante a questão, e muitas vezes, acreditam que essa diferenciação de seu gênero afetará em sua futura orientação sexual.

A influência do ambiente e das pessoas com que as crianças convivem influencia nas escolhas dos brinquedos, mas às vezes, isso não são determinantes. Não há nada de errado uma menina que gosta de karatê e um menino que prefere dança. A família deve entender isso e ajuda-los no que for preciso. Assim, o “ser diferente” passa a não mais carregar uma conotação negativa e preocupante. Dar aos filhos a chance de descobrir quem verdadeiramente são é o maior presente que os pais podem oferecer.

## CONSIDERAÇÕES

Por meio deste estudo, foi possível observar a importância de se tratar esse assunto dentro do ambiente escolar, impedindo comportamentos discriminatórios. O pedagogo tem um papel fundamental na sociedade, pois é ele que tem a formação necessária para lidar com a educação diariamente. Entretanto, há lacunas na formação destes profissionais no que se refere a temática de gênero.

Percebemos com as pesquisas efetuadas, que desde sempre vivemos em uma sociedade dividida entre o feminino e o masculino. Dentro da escola não foi diferente, nos era pregado como currículo oculto as filas separadas, as aulas de educação física com atividades separadas, e assim por diante. E ainda muitas vezes, prega-se essas desigualdades dentro da sala de aula com algumas atitudes dos professores.

As crianças aprendem desde muito cedo que usar roupas de cor rosa, ser meiga, sensível e carinhosa são coisas de menina e jogar futebol, vestir roupas da cor azul, ser agressivos e bagunceiros, são coisas de menino. Quando ocorre algo inverso, é visto como um “problema”, e vira motivo de “preocupação” por parte dos professores, principalmente os meninos, que são mais vigiados por sua masculinidade.

A sociedade tenta aplicar o que se diz certo ou errado sobre o que meninos e meninas podem fazer e sentir ou não, enfim, tudo o que diz respeito ao seu gênero. Mas como podemos ver, a identidade de gênero é construída de acordo com a cultura, com o momento histórico, sofrendo influências da sociedade.

Dentro da escola, muitos pedagogos e corpo docente ainda têm dificuldades em lidar com questões relacionadas ao gênero e sexualidade, o que traz consequências para as crianças que devem manter um comportamento reproduzido pelo o que a escola determina.

Temos que pensar, primeiramente, em uma educação que respeite o próximo, uma educação que se coloque no lugar do próximo e assim, possa aceitar e respeitar.

Quanto as escolas e professores, é possível acreditar que é indispensável a intervenção pedagógica, principalmente em momentos de exclusão. É fazer com que os alunos, desde pequenos entendam que não existem regras restritivas de coisas de meninas e de meninos,

que apenas tentam encaixar as pessoas em estereótipos sociais, assim, fazemos com que futuramente o preconceito possa ser erradicado.

Finalizando este trabalho, podemos ressaltar que devemos ter mais conhecimento de mundo para que as discussões sobre gênero ocorram dentro da sala de aula de forma natural e explicativa.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. *Resolução CEB nº 2*, de 19 de Abril de 1999. Institui diretrizes Curriculares para a Formação de Docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio, na modalidade Normal.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

DRUMOND, Viviane. *É de menina, ou de menino? Gênero e sexualidade na formação da professora de educação infantil*. 2010. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6696307-E-de-menina-ou-de-menino-genero-e-sexualidade-na-formacao-da-professora-de-educacao-infantil.html>> Acesso em: 16 out. 2016.

ESPLENDOR, Elizabeth Vieira dos Santos; BRAGA, Eliane Rose Maria. *Condutas pedagógicas sobre as questões de gênero na escola*. Paraná, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2274-8.pdf>> Acesso em: 16 out. 2016.

FINCO, Daniela. *Infância, cidadania e igualdade de gênero – desafios para a educação infantil*. Santiago - Chile. 2013. Disponível em: <[http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT11/GT11\\_FincoD.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT11/GT11_FincoD.pdf)> Acesso em: 25 set. 2016.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. *Diferentes, não Desiguais*. São Paulo: Revira Volta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MUSSKOPF, André Sidnei. *Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram*. 2008. Disponível em: <[http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod\\_artigo=161&cod\\_boletim=9&tipo=Artigo](http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=161&cod_boletim=9&tipo=Artigo)> Acesso em: 23 out. 2016.

PUPPO, Kátia. *Questão de gênero na escola*. São Paulo. 2012. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/20\\_pupo.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/20_pupo.pdf)> Acesso em: 16 out. 2016.

CANELA, P. R. B. Sexo, sexualidade e gênero. *Revista brasileira de sexualidade humana*. Volume 17 - Número 1, p. 81-100. Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana. São Paulo: Iglu, 2006. Disponível em: <<http://pessoal.educacional.com.br/up/4660001/9842654/Revista%20Brasileira%20de%20Sexualidade%20Humana%20-%20volume%2017.pdf#page=77>> Acesso em: 16 out. 2016.

ROEIKE, Raquel. *O conceito de gênero no curso de formação de docentes para educação infantil e séries iniciais da modalidade normal*. Paraná, 2011. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/19040075-O-conceito-de-genero-no-curso-de-formacao-de-docentes-para-educacao-infantil-e-series-iniciais-na-modalidade-normal-resumo.html>> Acesso em: 16 out. 2016.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, 1995. Disponível em <[https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf)> Acesso em: 27 mar 2016.

VIANNA, Cláudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. *O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988 – 2002*. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, p. 77-104, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a05n121.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2016.

VINHOLES, Aline. *Gênero e identidade: reflexões sobre o contexto escolar*. 2012. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao\\_e\\_Infancia/Trabalho/07\\_42\\_15\\_2216-6670-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_e_Infancia/Trabalho/07_42_15_2216-6670-1-PB.pdf)> Acesso em: 25 set. 2016.

WENETZ, Ileana. *Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras do pátio escolar*. Campinas, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v32n87/06.pdf>> Acesso em: 25 set. 2016.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. *As (des)construção de gênero e sexualidade no recreio escolar*. São Paulo, 2013., Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-55092013000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092013000100012)> Acesso em: 25 set. 2016.

### **ABSTRACT**

The aim this study was to identify situations of gender in schools, especially emphasizing the role of the teacher on this issue as well as the role played by the family, and their contributions. This was not as inform or interest "label" what is true or false, but to present the views of all parties involved in the school context. Thus, we did a literature review, analyzing different concepts and practices necessary to enable the teacher and the management team to address this issue as this within a school, the most natural way possible, always identifying in official documents the obligation of these pedagogical actions. They were also addressed the possible causes of stigma in the classroom. Aware that the child was not born "man" or "woman", ie the construction of gender is fundamentally sociocultural. After material analysis, we observed that there are important issues related to gender that need to be worked to reduce episodes of prejudice and discrimination within the school environment, the improvement of education focusing on social inclusion.

### **KEYWORDS**

Gender in the school context; gender issue in school; Prejudice and gender inequality